É um projecto editorial que publica acções do LabEA - Laboratório de Educação Artística (i2ADS/FBAUP) e das pessoas que o integram. Trata conteúdos que não foram disseminados pelos meios convencionais aquando das suas concretizações, e que se inscrevem aqui num catálogo em inventariação.

labEA LOG 1

Uma Escola Para...

Dezembro 2024

Catarina Almeida
Carolina Sousa
Joana Melo Rocha

U.PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO
i2ADS.
fct Fundação para a Ciência e a Tecnologia

É um projecto editorial que publica acções do LabEA - Laboratório de Educação Artística (i2ADS/FBAUP) e das pessoas que o integram. Trata conteúdos que não foram disseminados pelos meios convencionais aquando das suas concretizações, e que se inscrevem aqui num catálogo em inventariação. A sequência de publicação não está submetida à ordem cronológica dos conteúdos abordados, e para a frequência de saída considera-se como critérios a oportunidade e a necessidade de dar visibilidade ao trabalho feito por esta comunidade de investigação. Por serem variados os ritmos de escrita individuais, os de desenvolvimento dos micro-projectos dentro do LabEA, e os de realização de actividades de terreno, a periodicidade de lançamentos é imprevisível.

Enquadrada no largo espectro de actividades do LabEA, a série editorial responde também à necessidade de sistematização da experiência já considerável que se pode destacar da vida deste laboratório. Enquanto material de disseminação, as publicações promovem a continuidade da pesquisa e das práticas decorridas na diversidade de contextos institucionais e informais que o LabEA cruza. Assume-se que a circulação da produção de saber realizado responde às demandas normativas da universidade inserida na economia de conhecimento, ao mesmo tempo que, e com interesse acrescido à circunstância inicial, lhe propicia uma sobrevida sugestiva de novas leituras, novos diálogos e, eventualmente, novas escritas também. Cada número é a oportunidade de alargar uma comunidade em movimento, ao mesmo tempo que se documenta o que, de outro modo, não resistiria à passagem do tempo.

O número inaugural (Dezembro 2024) é dedicado à exposição “Uma Escola Para…”, realizada com estudantes do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário (MEAV), em Outubro de 2024 na Casa da Imagem. O desafio nasceu num âmbito curricular, e ultrapassou-o generosamente. Em Actividades de Iniciação à Prática Docente II (AIPD2), unidade curricular do 2º semestre do curso, Catarina Almeida propôs ao grupo-turma um exercício para se inquirir e experimentar sobre o funcionalismo escolar, a acção docente como prática cultural e a articulação entre o educativo e o artístico no contexto do ensino. O repto foi para que se pensasse criticamente o papel que a dimensão artística poderia desempenhar num contexto de ensino das artes, apelando a que docentes em profissionalização explorassem mais em profundidade as suas formações iniciais nas artes visuais e se fizessem valer das experiências profissionais acumuladas nos terrenos criativos, aqui deslocadas para a escola. Esta, assim, assomou no exercício proposto como tecido social, político, e espaço público passível de ser actuado por estes sujeitos-artistas com agência pedagógica.

A exposição resultante agrega um conjunto de proposições, individuais e colectivas, realizadas por estudantes de AIPD2. As peças foram dispostas no espaço acolhedor da Casa da Imagem, em Vila Nova de Gaia, e delas se mostraram enunciados, registos da sua experimentação e vestígios da realização das propostas. “Uma Escola Para…” ofereceu, ainda, um programa de actividades paralelo, elaborado para activar os enunciados das propostas expostas com participantes interessadas e inscritas nas sessões abertas.

Este primeiro número da série LabEA_LOG reúne algumas fotografias do aspecto geral de “Uma Escola Para…”, lista os trabalhos expostos e nomeia as pessoas participantes, traz o texto da folha de sala da exposição, e a isto acrescenta uma narrativa da experiência da criação gráfica e os materiais de comunicação que o evento desencadeou, redigido por Carolina Sousa e Joana Melo Rocha, estudantes do MEAV e designers, entre outras coisas. Ampliando o seu sentido testemunhal, este último é um texto que também dá conta da ‘dinâmica’ - palavra que se tornou incontornável na cultura daquela unidade curricular - de grupo. É um atestado do compromisso e da cumplicidade entre colegas, e da existência de uma vitalidade que possibilitou que um vulgar exercício curricular se convertesse numa experiência maior e mais complexa, que atravessou a pausa lectiva de Verão e se concretizou quando os estágios do 2º ano já tomavam conta dos dias destas pessoas, mesmo a tempo de receber as colegas do 1º ano que iniciavam o MEAV.

Justifica-se a opção de não trazer para esta escrita os racionais e pormenores dos trabalhos expostos, para assim reservar a possibilidade, já muito conversada, de ainda vir a fazê-lo num catálogo de exposição capaz de retratar o investimento académico e curatorial que o desafio fez acontecer.

A série LabEA_LOG é de vocação digital, para ser descarregada em pdf. Também serão partilhados ficheiros para serem impressos pelos meios ao dispor de cada pessoa leitora.

DEBAIXO DO MESMO TEXTO E ENTRE PAREDES: UMA ESCOLA PARA...

Catarina Almeida

Em 1969 a *Penguin Books* publicou "The School that I'd Like", baseando-se num concurso que o *The Guardian* patrocinara dois anos antes. Procurava saber-se que tipo de escola as crianças inglesas desejavam na reestruturante década que se seguiu ao pós-guerra, quando um olhar mais atento à infância descobriu nela um território pleno de sujeitos e objectos necessitados de uma acção educativa mais incisiva, e também mais preventiva. O retrato publicado, com edição de Edward Blishen, foi, contudo, o de uma escola pulsante, capaz de se pensar e imaginar, e com vontade de o fazer para lá dos receios da futuridade pedagógica. Imaginaram uma escola flexível na gestão curricular; uma escola segura, com aulas de primeiros socorros e uma política generalizada de cuidado; uma escola bonita com clarabóias para a luz trespassar; uma escola que ouve, governada por crianças com direito de voto sobre as professoras; e umas quantas outras escolas que, meio século volvido, continuam a parecer falar connosco.

+

A passagem pela obra de Nicolás Paris trouxe outras coisas para aquilo que viria a originar esta exposição. A meticulosidade e a jogabilidade com que constrói propostas de interacção e, com isso, instiga maior atenção ao redor e ao naturalizado, foi parte do que inspirou o enunciado a colocar em AIPD2. Ou como, da deposição de signos e objectos, o artista transubstancia a realidade, e invoca a dimensão performativa dos objectos trazidos, encontrados e construídos: então, de uma cadeira presa ao dorso se activa um espaço de aula que serve para pensar com o corpo e aprender o movimento; ou como uma fissura num grande bloco geométrico se torna sala de aula para ver nas entrelinhas. O modo de Paris encarar os processos artísticos como processos intermédios, orientados para proporcionar encontros, conversas e trocas, contribuiu em definitivo para que "Uma Escola Para…" viesse a ser exposição-convite, também esta para fazer e reflectir em conjunto, para usar o espaço expositivo tornado lugar efémero comunitário, de investigação e de educação artística. É plenamente assente nesta educação artística que, no trabalho, se pretendeu usar a agência da prática da arte para rever as estabilizações educativas que ordenam fazeres e lugares escolares, bem como para esclarecer os termos em que essa crítica está a ser articulada; e a agência da pedagogia para dessacralizar os dispositivos de mostrar, fazer e apreciar a arte. À semelhança da proposta de *transpedagogia* de Pablo Helguera, em "Uma Escola Para..." também "o processo pedagógico é o núcleo do trabalho de arte. Esse trabalho cria o seu próprio ambiente autónomo: na maioria das vezes, fora de qualquer estrutura académica ou institucional", para encontrar no espaço de convívio a relação entre arte, pedagogia e política.

+

A dimensão artística que a proposta quis promover enquanto metodologia, constituiu-se, em simultâneo, como oportunidade de reavaliar a identidade de professor para poder politizá-la e pensá-la mais próxima da dos

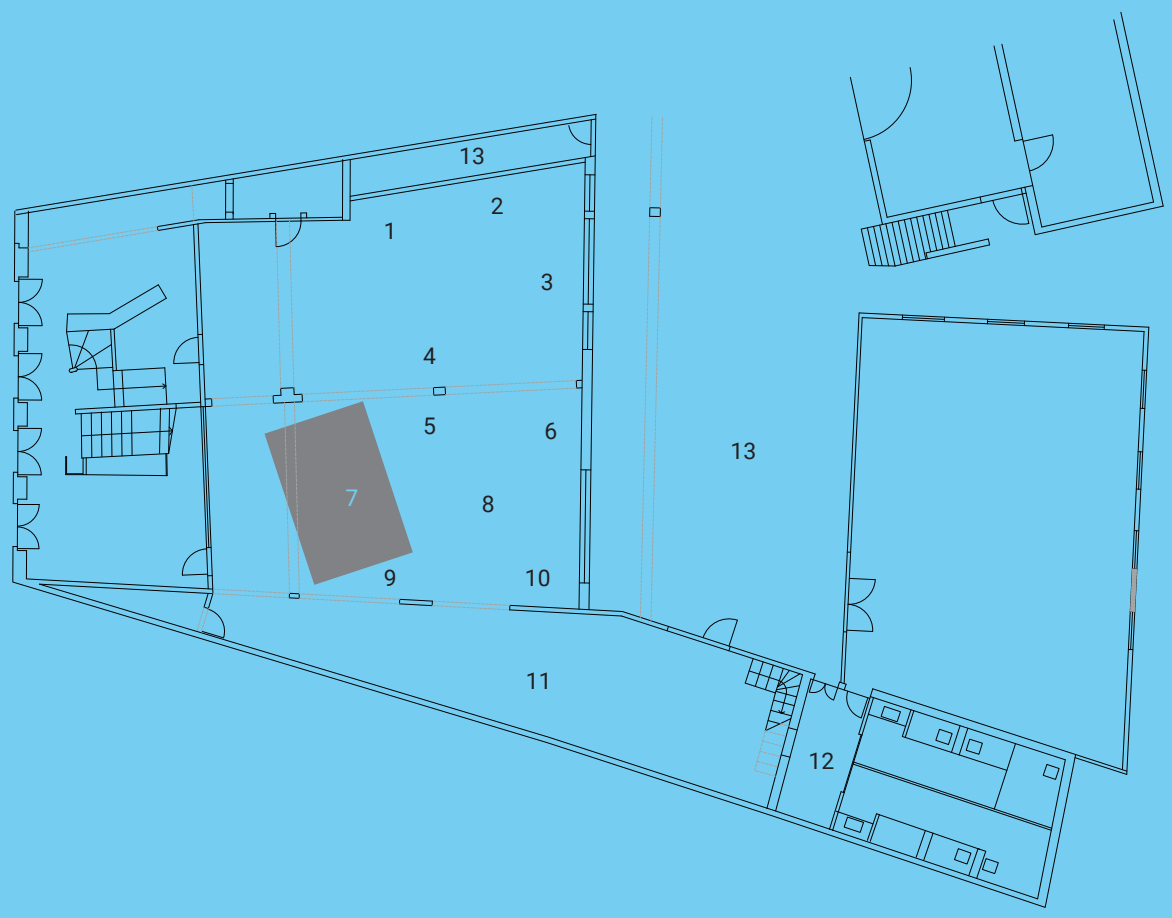
restantes trabalhadores culturais. Tratou-se de reencontrar o *border crosser* que Henry Giroux propõe para, assim, integrar uma cultura estética maior na performance do docente, e relançá-lo como ser social e cultural, eventualmente como artista. Não obstante, a via política condutora dessas mudanças é a mesma que convida, em "Uma Escola Para...", a perguntar: que posição queremos ocupar quando educamos?, ainda dentro da escola, mas já muito para lá da sala de aula (até mesmo das salas de Paris).

+

A exposição que agora se apresenta é principalmente pensada como um encontro: de propostas, suas materialidades e de pessoas. Debaixo dum mesmo tecto e nestes parêntesis, convidamos pessoas para pensarem e experimentarem connosco, a escola para isto, aquilo, aqueloutro e outras mais. Aproveitamos para rever o papel que pode ter uma exposição escolar. Ao reactivar enunciados e ao partilhar experiências em torno destes, a exibição de *respostas certas* é substituída pela colocação de interrogações mais reflectidas e que estendem a aula para debaixo do texto do espaço expositivo. O que uma exposição passa a oferecer são diálogos, intercâmbio de reflexões, e encontros. Como professoras e professores atravessados pelas práticas artísticas, a sensualidade dos processos não é algo que queiramos refrear por via do texto didactizante, nem da tecnicidade dos objectos, nem é algo que queiramos mediar através dum discurso curatorial arregimentador. Assim, acreditamos que a dimensão estética excede as obras feitas, e poderá, eventualmente, fazer parte dum encontro à sombra da pompa do espectáculo escolar… que aqui é (tão só) uma exposição sobre o que também pode fazer a escola.

3 de Outubro de 2024

Texto incluído na folha de sala da exposição.



1. CriArte
Érica Roda, José Tenreiro e Valéria Wiendl

2. Desenhar (n)os Limites — modus operandi
Carolina Sousa

3. Mapa Afetivo
Nicolau Tudela

4. Uma escola pele, para escutar, para sentir
Martinha Maia

5. Uma escola para interconectar
Érica Roda

6. O Casulo
Diana Couto, Joana Jardim e Sheyla Ramos

7. Pode Não Dar Em Nada
Carolina Costa, David Pessanha, Diana Santos, Diana Soares, Joana Rocha e Rita Ramos

8. Uma escola para voltar
José Tenreiro

9. Mala para Habitar a Docência
Valéria Wiendl

10. NON TUTTI E SOLO FRUTTI
Diana Couto, Joana Jardim e Sheyla Ramos

11. Tempos Vivos
Carolina Costa, David Pessanha, Diana Santos, Diana Soares, Joana Rocha e Rita Ramos

12. Uma escola para engajar
Pedro Evangelho

13. Praça Escolar
Lu Miranda e Valéria Wiendl

DEBAIXO DO MESMO TEXTO E ENTRE PAREDES:
UMA ESCOLA PARA...

Em 1969 a *Penguin Books* publicou "The School that I'd Like", baseando-se num concurso que o *The Guardian* patrocinara dois anos antes.
Procurava saber-se que tipo de escola as crianças inglesas desejavam na reestruturante década que se seguiu ao pós-guerra, quando um olhar mais atento à infância descobriu nela um território pleno de sujeitos e objectos necessitados de uma acção educativa mais incisiva, e também mais preventiva.
O retrato publicado, com edição de Edward Blishen, foi, contudo, o de uma escola pulsante, capaz de se pensar e imaginar, e com vontade de o fazer para lá dos receios da futuridade pedagógica. Imaginaram uma escola flexível na gestão curricular; uma escola segura, com aulas de primeiros socorros e uma política generalizada de cuidado; uma escola bonita com clarabóias para a luz trespassar; uma escola que ouve, governada por crianças com direito de voto sobre as professoras; e umas quantas outras escolas que, meio século volvido, continuam a parecer falar connosco.
+
A passagem pela obra de Nicolás Paris trouxe outras coisas para aquilo que viria a originar esta exposição. A meticulosidade e a jogabilidade com que constrói propostas de interacção e, com isso, instiga maior atenção ao redor e ao naturalizado, foi parte do que inspirou o enunciado a colocar em AIPD2. Ou como, da deposição de signos e objectos, o artista transubstancia a realidade, e invoca a dimensão performativa dos objectos trazidos, encontrados e construídos; então, de uma cadeira presa ao dorso se activa um espaço de aula que serve para pensar com o corpo e aprender o movimento; ou como uma fissura num grande bloco geométrico se torna sala de aula para ver nas entrelinhas. O modo de Paris encarar os processos artísticos como processos intermédios, orientados para proporcionar encontros, conversas e trocas, contribuiu em definitivo para que "Uma Escola Para..." viesse a ser exposição-convite, também esta para fazer e reflectir em conjunto, para usar o espaço expositivo tornado lugar efémero comunitário, de investigação e de educação artística. É plenamente assente nesta educação artística que, no trabalho, se pretendeu usar a agência da prática da arte para rever as estabilizações educativas que ordenam fazeres e lugares escolares, bem como para esclarecer os termos em que essa crítica está a ser articulada; e a agência da pedagogia para dessacralizar os dispositivos de mostrar, fazer e apreciar a arte. À semelhança da proposta de *transpedagogia* de Pablo Helguera, em "Uma Escola Para..." também "o processo pedagógico é o núcleo do trabalho de arte. Esse trabalho cria o seu próprio ambiente autónomo: na maioria das vezes, fora de qualquer estrutura académica ou institucional", para encontrar no espaço de convívio a relação entre arte, pedagogia e política.
+
A dimensão artística que a proposta quis promover enquanto metodologia, constituiu-se, em simultâneo, como oportunidade de reavaliar a identidade de professor para poder politizá-la e pensá-la mais próxima da dos restantes trabalhadores culturais. Tratou-se de reencontrar o *border crosser* que Henry Giroux propõe para, assim, integrar uma cultura estética maior na performance do docente, e relançá-lo como ser social e cultural, eventualmente como artista.

Não obstante, a via políti
mudanças é a mesma que
Para...", a perguntar: que po
quando educamos?, ainda
muito para lá da sala de au
de Paris).
+
A exposição que agora se a
principalmente pensada co
de propostas, suas material
Debaixo dum mesmo tecto
convidamos pessoas para p
experimentarem connosco.
aquilo, aqueloutro e outras
para rever o papel que pode
escolar. Ao reactivar enunci
experiências em torno deste
respostas certas é substitui
interrogações mais reflecti
aula para debaixo do texto
O que uma exposição passa
diálogos, intercâmbio de ref
Como professoras e profess
práticas artísticas, a sensual
não é algo que queiramos re
didactizante, nem da tecnic
nem é algo que queiramos m
discurso curatorial arregimen
acreditamos que a dimensão
obras feitas, e poderá, event
dum encontro à sombra da
escolar... que aqui é (tão só)
que também pode fazer a es

- CA

PODE NÃO
DAR EM
NADA

UMA ESCOLA PARA VOLTAR
EMPENAS
DESGASTES
MENSAGENS

UMA ESCOLA PARA VOLTAR

Uma Escola Para...

uma experiência de trabalho

Carolina Sousa
Joana Melo Rocha

Ao início da tarde do dia 16 de setembro de 2024, um dia quente que ainda sobrava do verão, a Catarina questionou a turma sobre quem poderia trabalhar a componente de design gráfico e comunicação da exposição que finalizava o nosso primeiro ano de Mestrado.
À falta de voluntários, cruzei o olhar com a Carolina e disse-lhe baixinho: “fazes isto comigo?”. Ela aquiesceu. Nunca tínhamos trabalhado juntas, mas há muito que intuíamos afinidades.

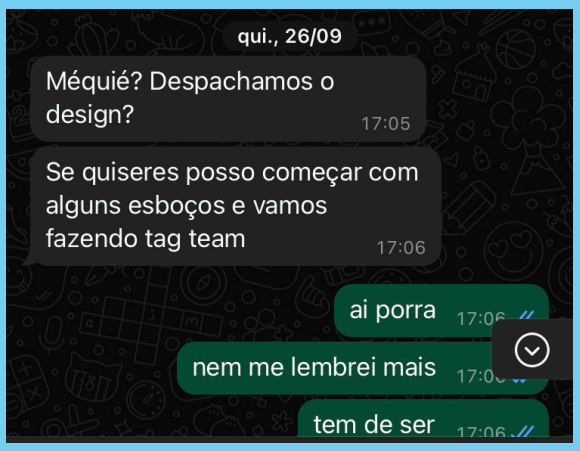
E, então, começou uma dança.

Desenhar para um grupo heterogéneo de pessoas e de trabalhos é um exercício difícil que encarámos com a naturalidade que nos une. Sabíamos que não agradaríamos a todos, portanto confiámos no nosso próprio processo, que fizemos em conjunto, durante os dias que antecederam a exposição. Como desenhar para os outros, quando, nos outros, estamos nós? Como não desenhar para nós? **Normalmente designers são agentes externos, mas aqui tínhamos um claro conflito e envolvimento que, cremos nós, acabámos por utilizar isso em favor do projeto. Aprendemos a dançar com ele e que experiência foi...**

ELEMENTOS ESSENCIAIS PARA COREOGRAFAR A IDENTIDADE VISUAL DE "UMA ESCOLA PARA..."

ELEMENTOS:

2 amigas designers
Tipografia Nunito - 2 a 3 pesos diferentes
Cores CMYK
6 fundos
1 keyvisual
Códigos QR
1 cartaz
1 banner
1 Landing page
1 Conta de instagram
Alguma elasticidade
Caos a gosto
Whatsapp
Google drive
Adobe CC



PASSOS:

Ao contrário da maioria das outras funções que desempenho, ainda estranho quando faço coincidir as minhas funções de designer, estudante e (futura) docente. Estranho e desconfio, mas, simultaneamente, concretizo, deixando um rasto por onde passo. E aqui estava uma dessas situações. Peguei no meu par e o plano traçou-se rapidamente, por whatsapp, entre mim e a Carolina, já demasiado em cima da hora. Importámos, dos meus mais de 15 anos de prática profissional, a metodologia: começar pela definição de um keyvisual para, depois, pensarmos os desdobramentos a partir daí.

Ao contrário da Joana, eu não tenho tanta experiência profissional na área do Design. Apesar de ter formação na área, o desencanto que desenvolvi pelo design ditou um afastamento da prática. Pontualmente, realizo alguns projetos, a maior parte são de índole pessoal, que me foram permitindo (re)estabelecer uma relação com este ramo que, ao contrário de muitas pessoas na área, considero artístico. Apercebo-me com estes trabalhos e projetos que quanto mais aproximo a artista da designer, mais gosto desta área. Artista e designer, para mim, só podem ser uma única identidade e sinónimos. A Joana sempre me deixou à vontade para criar à minha maneira e isso resultou num processo criativo muito divertido e desfrutável.

KEYVISUAL:

Em conversa entre nós trouxemos algumas referências. A Carolina tinha ideias mais presentes sobre grafismos e eu intuía o que gostaria de fazer em relação à tipografia. Também à semelhança de muitos outros projetos que vou desenvolvendo, comecei por definir requisitos: a minha escolha devia ser uma tipografia open source (por questões de licença e custos), rounded e, ainda, ter alguma variedade de pesos, que permitisse uma hierarquização da informação. Havia a dimensão da brincadeira e divertimento, que pairou sobre os vários trabalhos inseridos na exposição "Uma Escola Para…", como também durante todo o primeiro ano de mestrado, que desejava manter. Ora, uma font serifada ou uma tipografia sem serifa tendem levar-se demasiado a sério. De tudo o que vi, nesta minha breve pesquisa, a Nunito foi a que pareceu reunir os requisitos que tinha definido. Com a escolha tipográfica estabilizada, era hora de a cruzar com os fundos que a Carolina tanto se divertia a criar.

Imaginámos desde o início uma identidade visual relativamente simples, apoiada numa composição inteiramente tipográfica ou com um grafismo abstrato e difuso. A partir do momento em que ficou decidido que ia haver um fundo gráfico nos suportes informativos, distribuímo-nos entre tipografia e os elementos gráficos.

Desde o início, procurou realizar-se um conjunto de fundos que visualmente captassem a atenção de longe, mas que, ao perto, oferecesse destaque ao texto informativo sem criar possíveis distrações à leitura. Assim, a intenção seria que o grafismo criado como fundo fosse algo difuso, abstrato e com cores vibrantes. De alguma forma, pretendia-se que o grafismo pudesse espelhar algum movimento ou uma expectativa de que, a qualquer momento, se pudesse movimentar.
Todos os fundos foram desenvolvidos num programa de edição de imagens. Inicialmente, comecei por construir círculos de várias cores aos quais apliquei alguns filtros de textura como "Gaussian Blur" e "Noise", com o fim de procurar difusão com a indefinição das formas e dos seus contornos. De seguida, foi aplicado o efeito "Liquify" com o objetivo de introduzir algum movimento e fluidez na composição. Ao mesmo tempo, este efeito permitiu criar, facilmente, diferentes versões a partir da mesma base.

Juntar o trabalho que tínhamos feito, separadamente, foi simples. Tínhamos ambas presente que queríamos alguma transparência e não sobrepor uma coisa à outra. O nosso trabalho era mais que uma junção de partes, tudo se misturava. Fizemos uso das cores e de sucessivos multiplies, até chegarmos a uma solução que nos agradasse.

Finda esta parte, enviámos a proposta à Catarina e preparámos-nos para inserir os logótipos de apoio e toda a informação mais institucional que nos faltava. A base para fazer todas as outras peças estava pronta.

CARTAZ E BANNER:

Para o cartaz foi escolhido apenas um dos seis fundos realizados. Através da sua manipulação, ampliação e recorte, foi também utilizado como fundo do banner. Algumas versões inéditas do banner foram realizadas com a mesma manipulação de outros fundos.

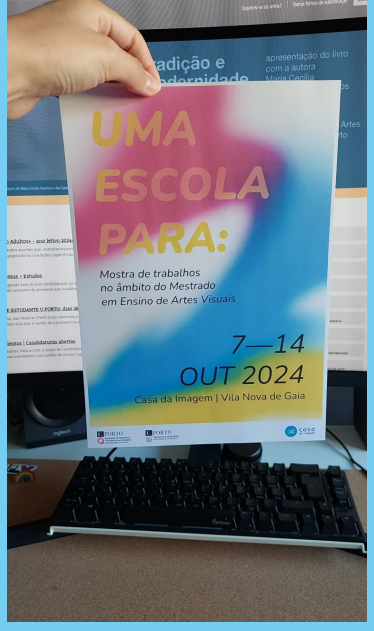
ANIMAÇÃO:

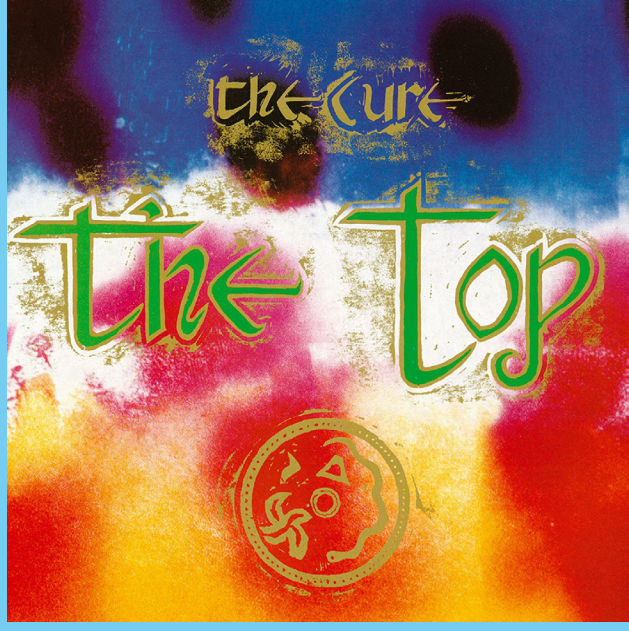
Quando fiz as diferentes versões dos fundos e os vi organizados, em sequência, no ambiente de trabalho, surgiu a urgente vontade de fazer uma animação. Tentei resistir à tentação dessa "loucura", porque já chegava a quantidade de trabalho para o curto espaço de tempo que este projeto de design teve para ser desenvolvido. Assim, de noite para o dia, surgiu uma animação. Muito simples e rudimentar: trata-se apenas de uma amostra

cartaz, só tipográfico? 17:17

Eu
cartaz, só tipográfico?

Acho que sim, ou no máximo com um grafismos super simples e abstrato.
Temos de ser nossas amigas, já que temos liberdade e poucas exigências 17:47





UMA ESCOLA PARA

UMA ESCOLA PARA

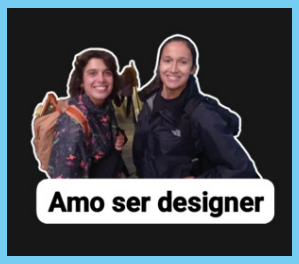
Qualquer coisa, voltamos às raizes xD 18:16

18:16

Queremos cor pow! Ou queremos ser discretas?

já me está a dar ganas de meter um rounded 18:33

só para aproximar isto à comic sans 18:34 😂



ainda estás aí? 00:00

Eu sou doente socorro 00:03

Estou xD 00:08

Uma Escola Para...

https://umaescolapara.myportfolio.com 00:09 ❤️

Caralho xD 00:10

És louca 00:10

fica muito melhor em desktop 00:10

amanhã, vou fazer um bruto lençol para por nesse fundo 00:10

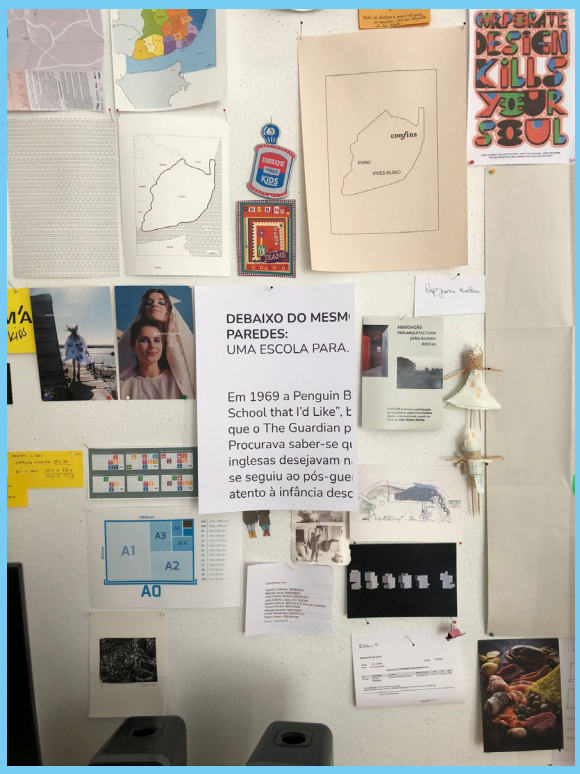
porque NERD 00:10

19:14

As cores têm de ser o cmyk 19:16

Não há voltar a dar
Editada 19:16

sequencial de todos os fundos criados, seguida do aparecimento do cartaz. Mas não ficaria descansada enquanto não visse esse impulso a ser realizado. Mesmo que acabasse por não ser publicado ou divulgado. Ceder a impulsos também é uma tarefa importante.



FOLHA DE SALA:

Desde logo, pareceu-nos importante mapear todo o trabalho da exposição. Queríamos também agregar todos os projetos debaixo do texto escrito pela Catarina. Uma folha de sala faria bem essa função. Também aqui, repescámos formatos que vêm da minha prática profissional. O desdobrável A5, impresso a preto e branco, é eficaz e fácil de produzir. Esta peça incluiu o texto da Catarina, um mapa que localiza todos os projectos e nomes dos seus autores.

Decidiu-se, em conversa entre as três, que a versão digital da folha de sala devia ser mais extensa, incluindo também a informação e texto produzidos sobre os vários projetos expostos e disponibilizados pelas várias pessoas que fizeram esta exposição.

LANDING PAGE "Uma Escola Para…":

No dia 1 de Outubro, ao final da manhã, houve uma reunião entre as várias pessoas que expunham, na qual ficou definido o programa paralelo da exposição "Uma Escola Para…". As várias atividades que nos propúnhamos a realizar precisavam de um lugar para habitar.

A solução seria uma landing page, mas, ao mesmo tempo, parecia-nos um investimento gigante para um evento de duas semanas que, por descoordenação das várias partes, já estava demasiado atrasado. Tentámos pensar em alternativas, rápidas de executar e que fossem tão eficazes, mas não encontrámos nada que correspondesse às nossas expectativas.

E assim, numa noite qualquer em que as minhas filhas já dormiam, abri o portfolio do Adobe CC (há vantagens em ter programas oficiais), procurei um template que se ajustasse. Não descansei até ter montado uma página. Porque é assim que funciono e é assim que a Carolina funciona. Na verdade, montar a landing page não demorou assim tanto tempo, mesmo que algumas limitações técnicas me tenham oferecido resistência. Como tínhamos toda a informação do nosso lado, graças ao trabalho incansável de todos os que se envolveram na

exposição, chegámos a uma solução, depois de alguma insistência e um par de horas.

IMAGENS DE DIVULGAÇÃO DO PROGRAMA PARALELO:

Uma manhã recebi uma mensagem da Catarina a perguntar se havia alguma imagem de apoio à divulgação das atividades, para além da informação que estava no site. Não havia, nem havia plano para que existissem, mas o desejo de as fazer instalou-se. Uma hora depois dessa troca de mensagens, sentei-me ao computador numa manhã luminosa e montei as imagens rapidamente, fazendo uso de todo o léxico que tínhamos criado. Depois, com as imagens prontas para serem divulgadas, instalou-se outro desejo: o de partilhá-las. Sobretudo, muito para além das nossas redes pessoais.

INSTAGRAM:

Apesar de nos ter parecido evidente, desde o início, a necessidade de existir uma forma de divulgarmos o evento e o seu conteúdo nas redes sociais, de forma a chegarmos ao maior número possível de pessoas, a criação do instagram "Um Escola Para…" não foi, mais uma vez, uma decisão inicial. Como nos encontrávamos atrasadas com a divulgação, tínhamos de escolher, com sensatez, a que peças nos dedicar.

Assim, e para não variar, a conta criou-se em mais um impulso, apesar de acreditarmos que era essencial. Como a divulgação formal estava a cargo das instituições, reservámos este novo espaço para posts de proximidade e de convívio. **Um lugar que convidasse as pessoas a participarem e contribuírem para a continuidade desta dança.**

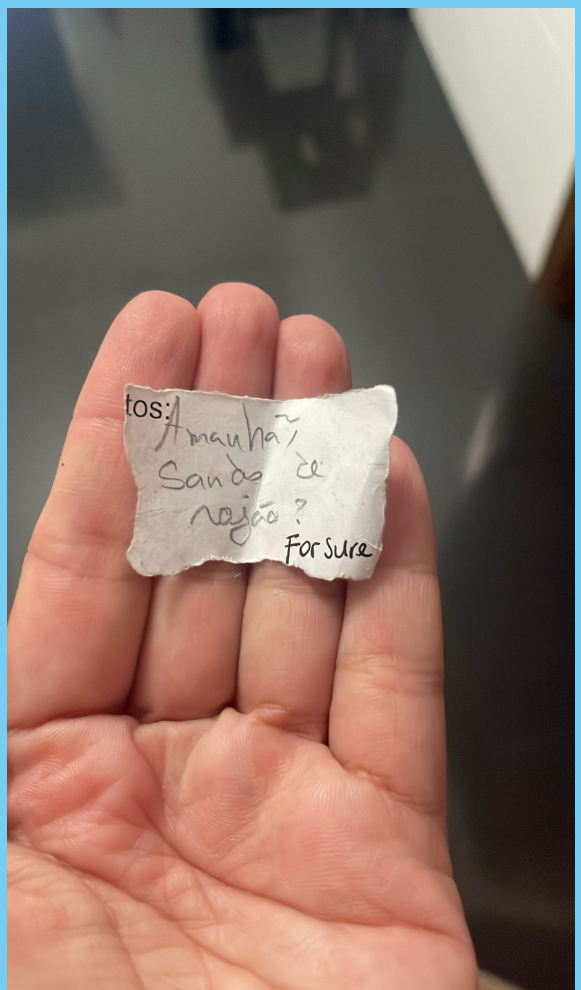
As publicações da página focam-se, sobretudo, na divulgação dos trabalhos desenvolvidos, das atividades do programa paralelo e as narrativas que foram nascendo dentro do espaço. Em cumplicidade com a sua câmara, a Joana foi registando e relatando as histórias e o dia-a-dia do "Uma Escola Para…" O instagram @umaescolapara continua ativo e continuamos a divulgar os trabalhos que integraram a iniciativa. Para já, não temos ideia se terá algum fim; desejamos, apenas, que continue a existir enquanto guardião de um tempo, mas também como espaço de reflexão e partilha.

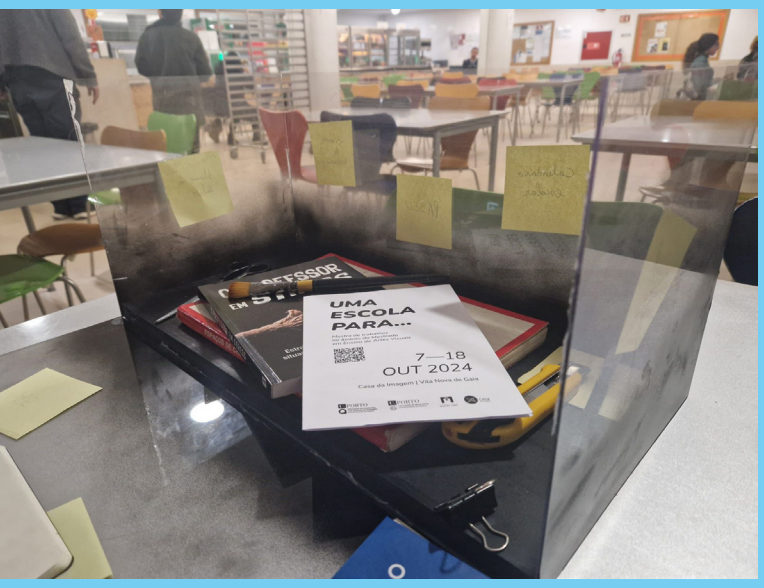
--

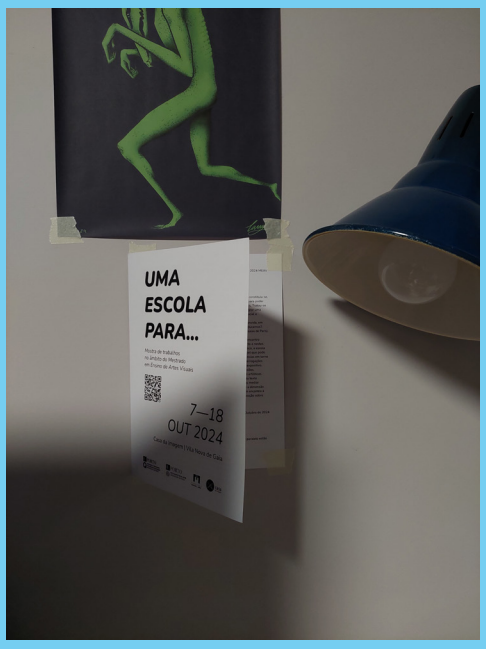
Todo o processo de desenhar para a exposição, abriu-nos para uma experiência muito mais intensa do que, à partida, pressupúnhamos. Ao contrário do que inicialmente achávamos, o nosso trabalho não acabou com a inauguração da exposição, mas cresceu para além dela. De repente, a Casa da Imagem passou a ser nossa e habitámo-la. Começámos a saber todos os truques para entrar e sair, visitámo-la, de surpresa, aos fins de semana, arrastámos para lá as nossas famílias, conhecemos os seus fantasmas (D. Matilde, se nos lê, gostamos muito de si).

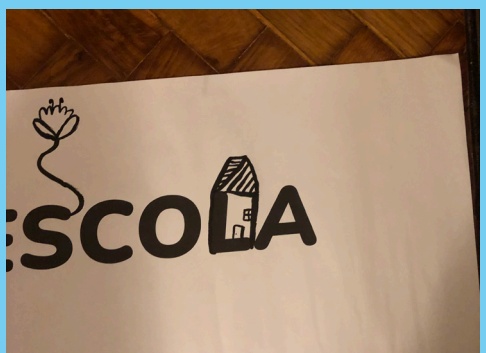
Nos dias em que a exposição esteve aberta, voltámos à Casa da Imagem depois dos estágios. A mesa comprida que a Catarina sugeriu que existisse à entrada da exposição, como apoio às atividades no nosso plano paralelo, passou, rapidamente, a mesa de estar, de desenhar, de escrever, de ler, de lanchar. Naqueles nossos primeiros dias nas escolas, entrámos na Casa da Imagem para pensarmos, sinceramente, a Escola. Nesta mesa, acompanhada pelos nossos amigos-futuros-docentes, partilhámos as primeiras impressões deste caminho que continuamos a percorrer. Sempre em conjunto.

Lembro-me da chuva. O caminho de ida e de volta era feito por entre os seus fios tecidos. Sentia-se os aromas de uma cidade quente humedecida. Os sons das gotas a embater nas superfícies e as rajadas de vento embalavam o trabalho, a exposição, os convívios, os objetos e as pessoas, preenchiam a Casa. Às vezes as coisas expostas caiam, mas rapidamente as reerguíamos.









Em paralelo, mas em ligação com a exposição, decorriam atividades organizadas por alguns grupos, colegas e amigos. Foi aqui que se encontraram vários espaços, sobretudo espaços de trabalho e de amizade. Em torno da mesa, numa praia ou, até, com uma sandes de rojão na mão, entrelaçaram-se gargalhadas com pensamentos e conversas sobre a escola. O trabalho fluiu neste ambiente de proximidade e quase familiaridade. Amizades que foram crescendo ao longo de todo o percurso que antecedeu e inclui esta exposição desafiaram-se e aprofundaram-se.

Não nos podemos esquecer, nem deixar de fora, todos os ecos/movimentos que toda esta experiência desencadeou em seu redor. Porque, como fomos mencionando, as nossas vidas emaranharam-se em todo este processo. Famílias e amigos, como nós, envolveram-se e foram envolvidas nesta dança que ia mais além do que um mero trabalho ou ciclo de estudos. Da Casa da Imagem trouxemos coisas para as nossas casas: Uma Escola para… no meio dos livros, "Uma Escola para…" alterada pelas crianças na parede da sala de casa, que se mantém até hoje, ecos de conversas, extrapolações dos nossos projetos ou dos nossos colegas, a expansão de algumas dessas ideias e, sobretudo, a certeza de uma partilha continuada. "Uma Escola para…" aparece, ainda, em lugares inesperados, como num trabalho de Teresa Dantas e num outro de Catarina Silveira, na nossa caixa de email, numa conversa informal numa noite de sábado, na parede do escritório, no meio dos livros do Afonso, ou na proposta que criássemos qualquer coisa para este fascículo do labEA. **Coisas sedutoras podem acontecer quando deixamos os nossos quotidianos tocarem no**

nosso trabalho, no ato de criar. Da mesma forma como o artístico não se desliga, o nosso ser também não. Contaminam-se e coexistem simbioticamente.

A dança, compreendemos agora, iniciou-se muito antes do projeto gráfico. E foi coreografada entre todos nós, que aceitámos o desafio, e a docente que nos desafiou. Os processos foram todos improvisados, orgânicos e um pouco caóticos. Houve alturas em que achámos que falharíamos, mas quando se dança, nunca se perde o balanço. Ao contrário do que achávamos, "Uma Escola para…" não era o culminar de algo, mas o início de outra coisa. **No final olhamos para trás e entendemos como cada passo, cada momento, cada decisão claramente se interliga com a próxima. O durante é assoberbante e incerto, hesitante e inseguro, mas nunca parámos, dançámos a noite toda** (mesmo!). E assim continuaremos.

PROGRAMA PARALELO

7 de outubro, Casa da Imagem, 16h
O casulo
Diana Couto, Joana Jardim, Sheyla Ramos
Duração: 60 minutos
Partindo da metáfora da metamorfose do bicho da seda, centralizamos a nossa intenção em tornar consciente a inerência da mudança experimentando, durante a actividade, formas de explorar o conhecimento de si e do Outro.
Num ambiente informal, iremos partilhar comida e inquietações, experimentar processos colectivos de registo, e analisar os fluxos que decorrem dessas trocas dialógicas.
Se quiseres, traz os teus materiais!

12 de outubro, Praia de Matosinhos, 11h
A forma da nossa queda
Carolina Costa, David Pessanha, Diana Santos, Diana Soares, Joana Rocha, Rita Ramos
Praia de Matosinhos, 11 horas
Duração: 45 minutos
A realização desta atividade está dependente de condições climatéricas favoráveis
Como será uma sala de aula de artes e da ginástica do falhanço? Por que não usamos os nossos erros e tentativas abandonadas? Nesta atividade vamos cair, em conjunto, e desenhar o que resulta da nossa queda.

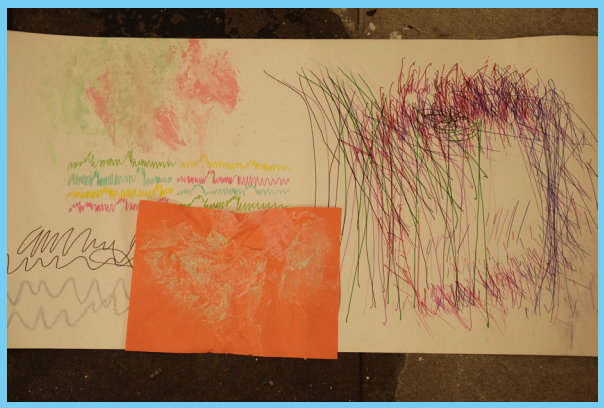
15 de outubro, Casa da Imagem, 16.30h
PERFORMANCE — *Um exercício para pensar a escola*
Martinha Maia
Duração: 10 minutos
Este exercício performativo foi concebido como uma espécie de "caixa de ressonância", permitindo ser vivido e expresso de múltiplas formas, sensível e aberto a diversas interpretações. Surgiu de uma tentativa de refletir sobre uma escola como pele, escuta e sentido. Trata-se de um manifesto de reflexões sobre o papel do professor-artista e os desafios que este enfrenta, tanto na relação com os seus alunos como na análise crítica do próprio conceito de ensino. A apresentação terá lugar no contexto da exposição "uma escola para...", convidando o público a refletir em conjunto sobre a ideia de escola.

15 de outubro, Casa da Imagem, 17.30h
Mapa afetivo
Nicolau Tudela
Duração: 30 minutos
Nesta atividade, os participantes serão convidados coletivamente a registar e mapear a sua relação com o espaço exposição através das observações, apontamentos e descoberta do seu lugar.

16 de outubro, Casa da Imagem, 15.30h
Vamos "recrear"!
Valeria Wiendl
Duração: 1.30h
Com base numa conversa entre e com os participantes sobre a importância do brincar lúdico ou simplesmente do brincar livre, vamos olhar para os espaços de recreio escolares e intervir com ideias, sugestões e desenhos que irão incorporar o organismo Árvore que se encontra no pátio da Casa da Imagem.

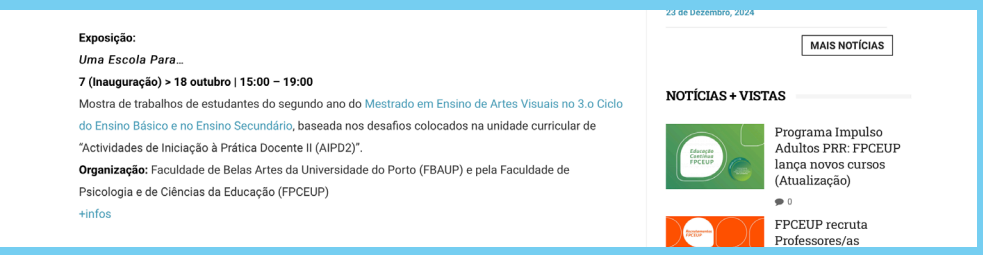
16 de outubro, Casa da Imagem, 18h
Quem és tu, com esse chapéuzinho?
Carolina Costa, David Pessanha, Diana Santos, Diana Soares, Joana Rocha, Rita Ramos
Duração: 30 minutos
"Camp é um solvente da moralidade. Neutraliza a indignação moral e patrocina a brincadeira" (Susan Sontag, Notes on Camp, 1964).
Sê quem te apetece, veste o que te apetece, fala como te apetece, risca se te apetece. Quem és tu, com esse chapéuzinho? É uma atividade em que vamos explorar quem somos, quem queremos ser e quem não somos nem nunca seremos através do desenho e de um ou outro chapéuzinho.

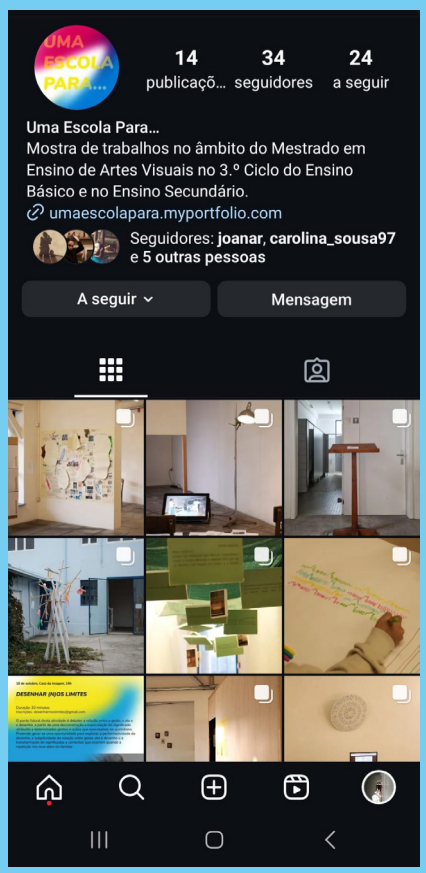
18 de outubro, Casa da Imagem, 18h
Desenhar (n)os limites
Carolina Sousa
Duração: 30 minutos
Inscrições: desenharnoslimites@gmail.com
Nesta atividade, participantes terão a oportunidade de conhecer mais um exercício/atividade concebida para o clube Desenhar (n)os Limites. O ponto fulcral desta atividade é debater a relação entre o gesto, o ato e o desenho, a partir de uma desconstrução e especulação do significado atribuído a determinados gestos e ações que executamos no quotidiano. Pensando no ato de desenhar e nos seus gestos, ou seja, explorando os seus propósitos e significados e as possibilidades performativas que o desenho pode envergar, de que forma podemos extrair ou atribuir diferentes significados a outros gestos/ações que normalmente não seriam associados ao ato de desenhar? Através de processos de repetição, o objetivo é compreender como através do desenho é possível assistir a um processo de descontextualização dos gestos e dos seus significados passando por um processo de alienação dos mesmos. Assim, culminando num debate do próprio significado do ato e dos gestos de desenhar.
Este exercício irá dividir-se em dois momentos de desenho articulados com uma conversa em torno do tema e eventuais questões que surjam enquanto se desenvolve a atividade.
Em suma, pretende-se gerar uma oportunidade para explorar a performatividade do desenho, a subjetividade da relação entre gesto, ato e desenho e a transformação de significados e contextos que ocorrem quando a repetição nos leva além do familiar.

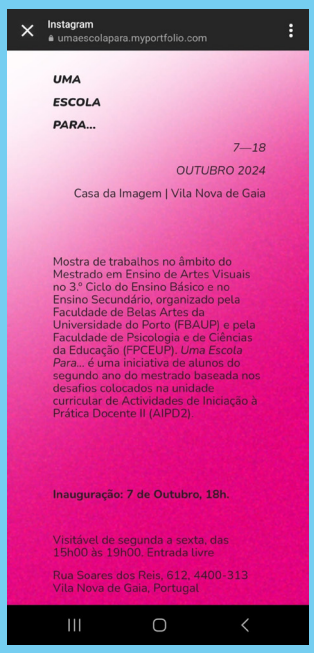


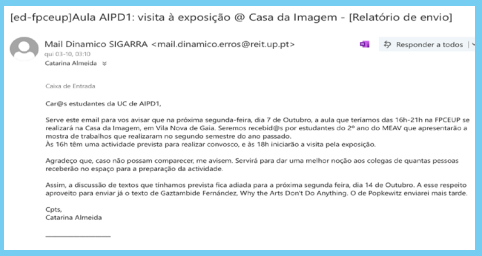
https://www.instagram.com/umaescolapara

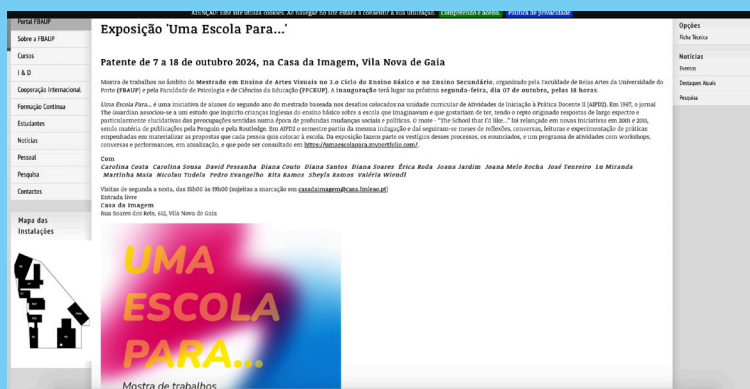
https://umaescolapara.myportfolio.com











labEA_LOG 1

Coordenação
Cat Martins (i2ADS / FBAUP)

Edição
Catarina Almeida

Textos
Catarina Almeida
Carolina Sousa
Joana Melo Rocha

Design
Carolina Sousa
Joana Melo Rocha

Fotografias
Joana Melo Rocha
Diana Soares (pag.24)
whatever (p.24)

i2ADS edições
i2ADS – Instituto de Investigação em Arte,
Design e Sociedade Faculdade de Belas Artes da
Universidade do Porto
i2ads.up.pt

Dezembro, 2024

ISBN
978-989-9049-89-5

DOI
https://doi.org/10.34626/LABEA/2024/YSTG-M891

U.PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO
i2ADS.
fct Fundação para a Ciência e a Tecnologia